

Ancestralidade em movimento: experiências do afroempreendedorismo da juventude negra em Franca-SP

Maria Isabela Gomes da Silva¹

Helena Vitória da Silva²

Maria Aparecida Dantas Ferreira dos Santos³

Resumo:

O presente artigo analisa um relato de experiência da Feira Mercado Ancestral, na qual foi realizada no município de Franca-SP, como iniciativa de fortalecimento do afro-empendedorismo, da valorização das heranças culturais afro-brasileiras e da construção de estratégias coletivas de geração de trabalho e renda. A pesquisa fundamenta-se na qualitativa e bibliográfica com referências teóricas que discutem ancestralidade, economia solidária e empreendedorismos negros, compreendendo essas dimensões como formas de resistências às desigualdades raciais que historicamente produzidas na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Juventude negra; Empreendedorismo negro; Ancestralidade; Economia solidária; Cultura afro-brasileira.

Introdução:

O sistema escravista instaurou um padrão de dominação racial cujos efeitos permanecem estruturando as relações sociais, econômicas e culturais no Brasil. No mercado de trabalho, essas desigualdades sociais e raciais manifestam-se nas elevadas taxas de desempregos, subemprego e na informalidade que atingem a população negra brasileira (SANTOS, 2024). Tal realidade incide de forma mais intensa sobre a juventude negra, que enfrenta obstáculos

¹ Mestra em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), com área de concentração em História e Cultura Social. Graduada em História pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da UNESP. Pesquisadora vinculada ao grupo de pesquisa “Leviatã e o Cativo” e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História (UNESP), na área de História Social (maria.isabela@unesp.br). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3288144997751198>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9293-2619>.

² Assistente Social. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, da Universidade Estadual Paulista, UNESP, Campus de Franca/SP, Brasil. Membro do NUPE. (helena.vitoria@unesp.br). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5350684122666985>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4272-7726>

³ Graduanda do primeiro ano de Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Franca, SP. Membro do grupo de extensão Acesso à justiça, acesso ao crédito e superendividamento. (maria.d.santos@unesp.br).

dos racismos sistemáticos, das desigualdades territoriais e da limitada oportunidade de inserção profissional e geração de renda.

Nesse contexto, o afroempreendedorismo tem se consolidado como uma importante estratégia de enfrentamento das desigualdades raciais, configurando-se não apenas como uma atividade econômica, mas também como prática de sobrevivência e resistência diante das barreiras historicamente impostas à comunidade negra. Embora muitas iniciativas estejam associadas à valorização de saberes, práticas e referências culturais afro-brasileiras, grande parte dos empreendimentos constitui-se como estratégia histórica de sobrevivência e de reexistência da população negra no pós-abolição, em resposta à exclusão socioeconômica produzida pela ausência de políticas reparatórias.

É nesse cenário que emerge a Feira Mercado Ancestral, realizada em Franca-SP, concebida como um espaço de encontro entre cultura, economia e ancestralidade. A iniciativa reúne jovens empreendedores negros e negras, artistas, produtores culturais e agentes comunitários, promovendo a comercialização de produtos e serviços, apresentações artísticas, atividades formativas e ações voltadas à valorização da memória e das tradições afro-brasileiras. Ao ocupar um espaço urbano em uma cidade cuja economia na cidade de Franca-SP é marcada pela indústria calçadista até nos dias de hoje, setor que produziu ao longo do século XX e concentrou a mão de obra da comunidade negra francana (SILVA, 2024)

O presente artigo tem como objetivo de relatar a Feira Mercado Ancestral na cidade de Franca-SP, como experiência de fortalecimento do empreendedorismo negro juvenil, buscando compreender suas potencialidades na promoção da autonomia econômica.

Empreendedorismo negro como estratégia de resistência

O empreendedorismo negro vai além de criar um negócio, é um pilar que junta inovação, resistência, sobrevivência e empoderamento coletivo, cada exposição carrega representatividade cultural e social. Este movimento tem um impacto social e perspectiva de futuro, representando um caminho de transformação com a iniciativa privada se unindo à luta por justiça social.

O ato de empreender pode vir de duas formas, tanto nas oportunidades que o mercado de trabalho dá, quanto pelas ausências delas. De um lado, o indivíduo enxerga no mercado profissional caminhos para iniciar um empreendimento, que então funciona como um pontapé inicial, após analisarem o contexto do mercado, terem elaborado um plano e se

preparado para a criação de seu negócio. Por outro lado, há quem empreenda por necessidade, já que não acham oportunidades de trabalho para si, abrem um negócio como uma saída essencial para sobreviver, sendo uma resposta direta às condições insalubres de trabalho, ganhos inadequados e a dificuldade em ver boas possibilidades de negócios.

Contudo, o empreendedorismo, por si só, não é suficiente para garantir condições dignas de trabalho, uma vez que muitos empreendedores negros permanecem em situação de desproteção estatal, com acesso restrito a direitos sociais, como saúde, lazer e políticas de cuidado. Em diversos casos, atividades relacionadas à comercialização de alimentos apresentam maior potencial de assegurar a subsistência econômica do que aquelas vinculadas exclusivamente à produção cultural, evidenciando as dificuldades de sustentação financeira de empreendimentos baseados apenas na valorização da cultura negra.

Feira do Mercado Ancestral – Juventude Negra Empreendedora (Franca-SP)

Na contemporaneidade, o conceito de empreendedorismo ultrapassa a dimensão estritamente econômica. No século XX, tal conceito ganhou relevância com os estudos do economista austríaco Joseph Schumpeter (1883-1950). Segundo a perspectiva de Schumpeter, o empreendedor é o principal agente da inovação e do desenvolvimento econômico. O crescimento das economias ocorre por meio do que o autor pontua como “destruição criativa”, ou seja, um processo em que novos produtos, serviços, tecnologias e modelos de negócio substituem estruturas antigas, seguindo a lógica capitalista de um sistema que nunca é estático⁴. Assim, o autor afirma que o empreendedor passa a ser visto como um agente fundamentalmente econômico, todavia com impactos na transformação social.

Atualmente, compreende-se que empreender significa criar soluções inovadoras para atender algumas demandas da sociedade, podendo ocorrer em diferentes contextos, como, por exemplo, organizações sociais, projetos culturais, iniciativas comunitárias e empreendimentos de valor e impacto social. Assim sendo, de maneira mais ampla, o empreendedorismo é entendido como um processo de identificação de oportunidades, inovação, geração de valor e transformação da realidade.

No recorte geográfico brasileiro, o empreendedorismo também tem sido associado à inclusão produtiva, à geração de renda e ao enfrentamento das desigualdades sociais. Nesse sentido, ganham destaque modalidades como o empreendedorismo social, o empreendedorismo feminino, o empreendedorismo periférico e o empreendedorismo negro,

⁴ SCHUMPETER, Joseph A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.

que buscam promover desenvolvimento econômico aliado à justiça social, à valorização cultural e à ampliação de oportunidades para os grupos que foram historicamente marginalizados.

Nesse sentido, o empreendedorismo negro constitui uma relevante estratégia de desenvolvimento econômico, social e cultural brasileiro. Mais do que o desenvolvimento de negócios, esse movimento econômico negro é capaz de promover autonomia financeira, fortalecimento identitário e valorização dos saberes ancestrais das populações negras. Como dito anteriormente, a população negra enfrentou barreiras estruturais para acessar oportunidades econômicas, para compor formação e espaços de tomada de decisão e, principalmente, para obtenção de crédito. Nesse contexto, o afroempreendedorismo surge como uma ferramenta de enfrentamento das desigualdades raciais, impulsionando iniciativas que geram renda, ampliam a representatividade e fortalecem redes de cooperação comunitária.

É nesse cenário que se insere a Feira do Mercado Ancestral – Juventude Negra Empreendedora, realizada em 20 de junho de 2026, na cidade de Franca, interior de São Paulo. A iniciativa integra uma ação conjunta entre a Casa da Palha, o Ministério da Igualdade Racial e o Governo Federal, contando ainda com o apoio da Unegro Franca, grupos e coletivos locais comprometidos com a promoção da igualdade racial e do desenvolvimento comunitário.

O projeto tem como objetivo fortalecer e consolidar redes de afroempreendedorismo em Franca e em diferentes territórios do Estado de São Paulo, promovendo espaços de formação, intercâmbio de experiências, visibilidade para empreendedores negros e valorização da cultura afro-brasileira. O evento foi realizado na Praça Nossa Senhora da Conceição, localizada na região central da cidade, um espaço de grande circulação de pessoas e importante polo comercial, favorecendo o encontro entre empreendedores, consumidores, artistas e a comunidade em geral.

Associado a esse processo, a economia criativa ocupa um papel estratégico ao reconhecer a cultura, a criatividade, os conhecimentos tradicionais e as expressões artísticas como ativos capazes de produzir valor econômico e transformação social. Setores como moda, artesanato, gastronomia, música, audiovisual, literatura, design e produção cultural representam oportunidades para que empreendedores negros desenvolvam negócios alinhados às suas identidades, histórias e territórios. Dessa forma, a economia criativa não apenas movimenta recursos financeiros, mas também contribui para a preservação da memória, da

cultura afro-brasileira e para a construção de novos referenciais de pertencimento e autoestima⁵.

A Feira do Mercado Ancestral representou, portanto, uma importante ação de ocupação qualificada do espaço público, promovendo acolhimento, inclusão e valorização da produção econômica e cultural da juventude negra francana. A programação foi estruturada para estimular a geração de oportunidades, o fortalecimento da identidade racial, a ampliação da autoestima coletiva e o acesso a conhecimentos relacionados ao letramento racial e ao enfrentamento do racismo.

Além da comercialização de produtos e serviços, o evento promoveu atividades formativas e culturais voltadas à troca de saberes e ao fortalecimento das redes de apoio entre empreendedores. Ao longo de nove meses, o projeto prevê a realização de encontros presenciais em diferentes municípios paulistas, pesquisa qualitativa sobre empreendedorismo negro, edital de chamamento para produção de textos e a elaboração de uma revista digital que reunirá reflexões, experiências e conteúdos construídos coletivamente pelos participantes.

Entre as ações formativas, destacou-se o Curso de Formação Online para Empreendedores, com aulas voltadas à economia criativa e à gestão básica de negócios, oferecendo ferramentas para o desenvolvimento e a sustentabilidade dos empreendimentos participantes.

A programação também contou com duas Mesas de Diálogo. A primeira, intitulada *Mercado Ancestral e Empreendedorismo Negro*, abordou temas como saberes ancestrais, economia negra, memória e a utilização de experiências tradicionais como base para negócios contemporâneos. Já a segunda mesa, *Juventude Negra e Caminhos para Empreender na Periferia*, debateu os desafios enfrentados nos territórios periféricos, as estratégias de superação desenvolvidas pelas comunidades, bem como questões relacionadas ao acesso a recursos, redes de apoio e políticas públicas.

Outro destaque foi a participação da Feira Kilombo das Kitandeiras, reunindo expositores de Franca e região e ampliando as oportunidades de comercialização, divulgação de produtos e fortalecimento das conexões entre empreendedores negros. A dimensão cultural do evento foi contemplada por uma programação diversificada, com apresentações de Lyvia Arouche e Banda, trazendo influências da música brasileira, jazz e rap; a Cypher da Pilha,

⁵ ALMEIDA, A. S. M. Consumo e identidade: a produção para o consumo a partir dos insights dos empresários negros. In: NOGUEIRA, J. C. (Org.). **Desenvolvimento e empreendedorismo afro-brasileiro: desafios históricos e perspectivas para o século 21**. Florianópolis: Atilênde, 2013. p. 241-274.

representando elementos da cultura Hip Hop por meio do DJ, Breaking, Graffiti, MC e Boombox; apresentações do DJ Carlos Xaves; a roda de samba do Quintal do Oliver; além de apresentações escolares voltadas à valorização da Lei nº 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

A realização da Feira do Mercado Ancestral ocorre em um contexto favorável ao desenvolvimento econômico local. O município de Franca apresenta um ecossistema empreendedor em expansão, impulsionado por setores tradicionais como a indústria calçadista, a moda e a cadeia produtiva do café.⁶ Nesse cenário, iniciativas voltadas ao empreendedorismo negro e à economia criativa contribuem para ampliar a diversidade econômica da cidade, promover inclusão produtiva e fortalecer novos modelos de desenvolvimento baseados na valorização da cultura, da inovação e da justiça social.

Por conseguinte, é salutar a reflexão sobre empreendedorismo e desenvolvimento econômico da população negra. Diversos autores argumentam que, embora o empreendedorismo possa representar uma estratégia de geração de renda, autonomia e fortalecimento comunitário, ele não deve ser compreendido como solução isolada para as desigualdades raciais produzidas historicamente pelo capitalismo e pelo racismo estrutural.

O sociólogo e intelectual negro brasileiro Clóvis Moura (1925-2003) analisou a formação da sociedade brasileira a partir da relação entre escravidão, capitalismo e dominação racial. Para o autor, o racismo não é apenas uma questão cultural ou moral, mas um mecanismo historicamente utilizado para garantir a exploração econômica da população negra. Em obras como *Sociologia do Negro Brasileiro* (1988)⁷, Moura argumenta que as desigualdades raciais estão profundamente ligadas à estrutura econômica do país, o que exige transformações sociais mais amplas do que apenas a inserção individual no mercado.

Com destaque para os estudos acerca do capitalismo moderno e a estreita ligação com a escravidão, colonialismo e exploração racial, a filósofa, ativista e professora Angela Davis (1944) reflete sobre como as políticas voltadas exclusivamente ao empreendedorismo podem beneficiar indivíduos específicos, mas não necessariamente alteram as condições estruturais que produzem pobreza, desigualdade e discriminação. A autora defende a articulação entre desenvolvimento econômico, justiça social e transformação das instituições⁸.

⁶ AGÊNCIA SP. Abertura de empresas cresce 14% na região de Franca em 2025. São Paulo, 2025. Disponível em: <https://www.agenciasp.sp.gov.br/abertura-de-empresas-cresce-14-na-regiao-de-franca-em-2025/>. Acesso em: 23 jun. 2026.

⁷ MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.

⁸ Para aprofundamento, ver em: **DEMOCRACY NOW!**. *Angela Davis: We can't eradicate racism without eradicating racial capitalism*. YouTube, 14 jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qhh3CMkngkY>. Acesso em: 24 jun. 2026.

Em uma análise sobre relações entre raça economia, o historiador e sociólogo W. E. B. Du Bois (1868-1963), argumenta, em suas obras, como a exclusão econômica da população negra nos Estados Unidos não era resultado de limitações individuais, mas de mecanismos estruturais de segregação racial. Du Bois defendia a construção de cooperativas, redes de solidariedade econômica e formas coletivas de organização como estratégias de fortalecimento das comunidades negras⁹.

Dessa forma, as abordagens críticas não negam a importância do empreendedorismo negro como instrumento de autonomia econômica e valorização cultural. Contudo, ressaltam que o enfrentamento das desigualdades raciais requer também políticas públicas, acesso à educação, crédito, direitos sociais, combate ao racismo institucional e fortalecimento de formas coletivas de organização econômica. Nessa perspectiva, o empreendedorismo negro pode ser compreendido como uma estratégia de resistência e construção de alternativas, mas não como solução única para problemas historicamente produzidos pelas relações entre racismo e capitalismo.

Conclusão:

A análise da Feira Mercado Ancestral evidencia que iniciativas voltadas ao fortalecimento do empreendedorismo negro desempenham um papel fundamental na promoção da autonomia econômica, da valorização da ancestralidade e da ampliação das redes de apoio entre a juventude negra. Ao articular cultura, economia criativa, formação política e fortalecimento comunitário, a experiência realizada em Franca-SP demonstra que o afroempreendedorismo ultrapassa a dimensão estritamente econômica, constituindo-se como uma estratégia de resistência, sobrevivência, afirmação identitária e enfrentamento das desigualdades raciais historicamente produzidas na sociedade brasileira.

A Feira consolidou-se como um espaço de diálogo, troca de saberes, fortalecimento dos vínculos comunitários e valorização das expressões culturais afro-brasileiras, reunindo empreendedores, artistas e a comunidade em geral. Os resultados observados evidenciam que a iniciativa cumpriu seus objetivos ao incentivar o empreendedorismo negro, ampliar a visibilidade dos empreendedores, fomentar a circulação de saberes ancestrais e contemporâneos e estimular o protagonismo da juventude negra. Para além da geração de renda, o evento contribuiu para o fortalecimento da identidade cultural, da representatividade, da autoestima coletiva e da construção de redes de cooperação e economia solidária,

⁹ APPIAH, Kwame Anthony. **Lines of Descent:** W. E. Dubois and the Emergence of Identity. Cambridge (MA); Londres: Harvard University Press, 2014.

fundamentais para a sustentabilidade dos empreendimentos e para o desenvolvimento dos territórios.

Entretanto, o empreendedorismo negro, por si só, não é suficiente para garantir condições dignas de reprodução da vida e superar as desigualdades estruturais decorrentes do racismo. Muitos empreendedores negros ainda enfrentam dificuldades relacionadas ao acesso às políticas públicas, aos direitos sociais e às oportunidades de inserção econômica, permanecendo em situação de vulnerabilidade e desproteção estatal. Nesse sentido, o fortalecimento do afro-empreendedorismo deve estar articulado à implementação de políticas públicas voltadas à promoção da igualdade racial, da inclusão produtiva, da educação, da proteção social e do enfrentamento ao racismo institucional.

Por fim, a experiência da Feira Mercado Ancestral reafirma a potência da organização coletiva como instrumento de transformação social. Ao promover o encontro entre ancestralidade, cultura, economia e protagonismo juvenil, a iniciativa fortalece a construção de uma sociedade mais justa, diversa e igualitária, na qual o reconhecimento da história, dos saberes e das contribuições da população negra ocupa lugar central na promoção da cidadania, da justiça social e da democracia.

Referências

FUNAFRO. *Empreendedorismo negro: um movimento em resposta às desigualdades históricas*. 30 set. 2025. Disponível em: <https://funafro.org.br/empreendedorismo-negro-um-movimento-em-resposta-as-desigualdade-s-historicas/>. Acesso em: 29 jun. 2026.

SANTOS, Janaina da Conceição de Paula. O empreendedorismo étnico como estratégia de sobrevivência e autonomia para mulheres negras migrantes. *Revista Extraprensa*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 168–189, 2024. DOI: 10.11606/extraprensa2024.232580. Disponível em: <https://revistas.usp.br/extraprensa/article/view/232580>. Acesso em: 29 jun. 2026.

SILVA, Lucas Gabriel da; ALMEIDA, Mario Eduardo de Oliveira; SILVA, Nayara Aline Marcelino da; SANTOS, Sara Leidiany Souza. *Empreendedorismo por necessidade ou oportunidade: desafios do empreendedorismo*. Trabalho de Conclusão de Curso. 2022. Disponível em: TCC 2022 ADM_Empreendedorismo por Necessidade ou Oportunidade.pdf. Acesso em: 29 jun. 2026.

SILVA, Rosicler Lemos da. *Franca não é do imperador, é do povo preto! Memórias, identidades e resistências*. 2023. 237 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2023. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11449/251140>. Acesso em: 27 jun. 2026.